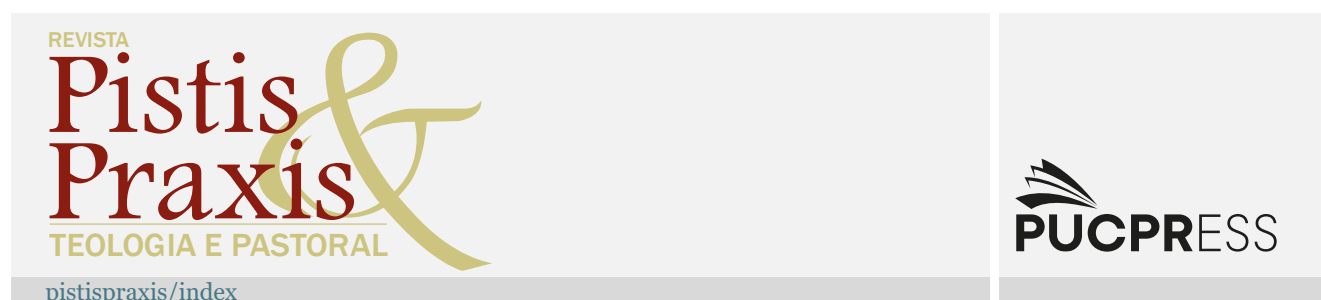




O Egito e o Levante: um olhar a partir da arqueologia doméstica

Egypt and the Levant: a perspective from household archaeology

Thais Rocha da Silva ^[a] 

Belo Horizonte, MG, Brasil

^[a] Universidade Federal de Minas Gerais

Como citar: SILVA, Thais Rocha da. O Egito e o Levante: um olhar a partir da arqueologia doméstica. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 03, p. 532-549, set./dez. 2025. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.17.003.A001>

Resumo

A relação entre o Egito e o mundo bíblico foi explorada, sobretudo, a partir das evidências escritas, com enfoque no texto bíblico. Contudo, nas últimas décadas, o desenvolvimento da arqueologia do antigo Israel e as transformações historiográficas no campo abriram novos caminhos de pesquisa. Para além das mudanças políticas egípcias e da expansão ou contração de suas fronteiras, a cultura material do espaço doméstico oferece uma perspectiva sobre os contatos entre povos que considera os processos de negociação social. Este texto examina os contatos entre as populações do Egito antigo e do Levante a partir da cultura material proveniente do contexto doméstico, buscando oferecer um panorama que evidencia a complexidade das relações entre diferentes comunidades e desfaz visões monolíticas sobre o antigo Egito e o Levante durante a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Palavras-chave: Arqueologia do Espaço Doméstico. Contatos Culturais. Egito antigo. Levante.

^[a] Doutora em Egptologia pela Universidade de Oxford, e-mail: thaistrds@gmail.com

Abstract

The relationship between Egypt and the biblical world has been explored primarily through written evidence, with a focus on the biblical text. However, in recent decades, the development of archaeology in ancient Israel and historiographical shifts in the field have opened new avenues of research. Beyond Egyptian political changes and the expansion or contraction of its borders, the material culture of domestic space provides a perspective on interactions between peoples that takes social negotiation processes into account. This text examines contacts between the populations of ancient Egypt and the Levant through the material culture of the domestic context, aiming to provide an overview that highlights the complexity of relationships between different communities and challenges monolithic views of ancient Egypt and the Levant during the Bronze and Iron Ages.

Keywords: Household Archaeology. Cultural Interactions. Ancient Egypt. Levant.

Introdução

Os primeiros relatos sobre o Egito antigo chegaram ao Ocidente por meio de autores greco-romanos, consolidando seu lugar na tradição clássica. As narrativas bíblicas também desempenham papel fundamental na construção de um Egito antigo, com mais de 600 referências à terra dos faraós (Römer, 2008; 2015; 2018). O Egito é descrito ora como terra de refúgio e prosperidade, como na história de José (Gênesis 37–50), ora como símbolo de opressão e idolatria, especialmente nos relatos do Êxodo e na literatura profética (Isaías 30:1–3; 31:1; 19; Jeremias 46; Ezequiel 29–32), incluindo interações políticas e econômicas como o casamento do rei Salomão com a filha do faraó (1 Reis 3:1). A interpretação dessas narrativas exige considerar o Egito tanto como território histórico quanto como recurso narrativo simbólico (Römer, 2008; 2015; 2018; Burrell, 2020).

A historiografia do antigo Israel, desde o século XIX, tem sido marcada por uma narrativa político-religiosa que coloca o texto bíblico simultaneamente como fonte histórica e registro da própria história, influenciando a arqueologia e a interpretação das sociedades que viveram na região do Levante. Interações com as populações locais foram tradicionalmente analisadas sob uma perspectiva “imperialista” (Koch, 2018, p. 25). Pesquisas recentes apontam dinâmicas mais complexas, incluindo intercâmbio cultural, casamentos mistos e produção local de objetos egípcios, evidenciando a dificuldade de identificar populações específicas apenas pela cultura material (Sparks, 2004; Killebrew, 2009; Koch, 2018).

Não cabe neste texto pormenorizar as definições em torno do que chamamos de “mundo bíblico”, porém, por conveniência, me refiro aos territórios que abrangem o Levante, a Mesopotâmia, o Egito, a Anatólia, o Elam e a Pérsia durante uma larga extensão cronológica, desde a Idade do Bronze Antigo (c. 3000 a.C.) ao período romano. A fim de limitar a discussão para este estudo, os estudos de caso referem-se especialmente ao Levante durante as Idades do Bronze e do Ferro (c. 3000–586 a.C.), buscando compreender como indivíduos se adaptaram a ambientes compartilhados, sem recorrer a inventários detalhados de sítios ou análises tipológicas de artefatos.

A relação entre Egito e mundo bíblico deve considerar as transformações políticas egípcias e a expansão ou contração de suas fronteiras. Mais ainda, é preciso considerar a participação do Império Persa na reconfiguração geopolítica da região, sobretudo na segunda metade do Primeiro Milênio a.C. e como isso impactou, em certa medida, práticas sociais que já vinham em processo de negociação ou estabilização nos diferentes territórios. Nesse sentido, o estudo do espaço doméstico oferece um panorama que tende a escapar das narrativas mais tradicionais e associadas ao campo político-econômico. Por meio da observação das evidências materiais das residências e complexos domésticos é possível identificar como essas adaptações materializavam práticas sociais, resultados de longos processos de convivência entre os povos da região. É neste escopo que este artigo oferece reflexões: em que medida os contatos do Egito com o Levante podem trazer novas percepções sobre as relações sociais entre essas comunidades e como elas não se manifestaram de forma monolítica na cultura material.

Arqueologia Doméstica nos Estudos Bíblicos e na Egptologia

O estudo das estruturas domésticas no Egito antigo avançou significativamente nas últimas duas décadas. Pesquisas anteriores focavam em tipologias de casas e funções de cômodos, especialmente em assentamentos planejados como Lahun, Deir el-Medina e Amarna, onde pequenas casas tripartidas e multifuncionais dificultavam a distinção entre espaços de moradia e de trabalho. Estudos recentes revisitaram esses sítios com métodos inovadores e exploraram novos assentamentos, revelando a diversidade da vida doméstica ao longo do Vale do Nilo, do Delta e da Núbia (Kemp; Stevens, 2010; Spencer, 2015; Müller, 2015a; Moeller, 2016; Sigl, 2022). A atenção deslocou-se do mapeamento tipológico para as interações sociais, problematizando configurações de espaços comunitários e uso flexível de áreas de moradia e trabalho (Müller

2015a; 2015b; 2015c; Moeller, 2016; Bader, 2021a; Moreno Garcia, 2022; Hodgkinson, 2018; Hodgkinson; Tvetmarken 2020; Hulin; Rocha, no prelo).

Esse tipo de investigação permitiu ampliar a percepção em torno do que a historiografia chamou de “egipcianidade” na cultura doméstica, sobretudo por meio de evidências arqueológicas que apontavam para atividades associadas ao preparo de alimentos e uso compartilhado de espaços (Samuel, 1999; Spencer, 2015; Budka; Auenmüller, 2018; Sigl, 2020). Assim, ao desconstruir uma ideia monolítica de ‘ser egípcio’, optou-se por valorizar a diversidade das evidências e, consequentemente, das práticas sociais, demonstrando a complexidade da vida doméstica egípcia em diversas regiões e suas implicações para pensar temas como o colonialismo.

Na virada do século XX, houve um aumento significativo do interesse arqueológico por sítios bíblicos, principalmente nas regiões da Samaria (1909–1910), Megido (1925–1939), Beth-Shean (1921–1933) e Tell Beit Mirsim (1926–1932). As escavações revelaram a diversidade das estruturas domésticas (Daviau, 1993, pp. 17–18; Killebrew, 1999; Vaughan; Killebrew, 2003) e diversas formas de interação entre as comunidades que não estavam necessariamente submetidas às práticas de domínio territorial e colonização.

Na Arqueologia Bíblica, a autoridade textual orientou a pesquisa, limitando o estudo de conjuntos domésticos a temas associados à etnicidade e identidade. A busca de uma definição para uma “casa típica” das antigas comunidades judaítas seguiu esse tom e foi padronizada em uma estrutura com quatro cômodos e pátios centrais. A arqueologia dos espaços domésticos no Levante desenvolveu-se mais cedo do que na Egiptologia e enfrentou desafios metodológicos específicos, sobretudo no que diz respeito à autoridade do texto bíblico (Daviau, 1993, p. 17; Fantalkin; Yasur-Landau, 2008; Yasur-Landau *et al.*, 2011; Steiner; Killebrew, 2013).

O trabalho de Michèle Daviau (1993) fez uma revisão crítica de estudos fundamentais sobre a arquitetura doméstica antiga do Levante, combinando a descrição tipológica das casas com elementos etnográficos, ambientais e da concepção e uso dos espaços. Para isso, ela se baseou em casas cipriotas e minoicas que apresentavam evidências de ocupações levantinas. As pesquisas sobre casas e espaços domésticos ganharam importância ao demonstrar como as práticas domésticas se articulavam com estruturas econômicas, políticas e sociais mais amplas, sugerindo processos de integração e contato via Mediterrâneo e rotas dos desertos (Yasur-Landau *et al.*, 2011).

O estudo da arqueologia doméstica ultrapassou abordagens tipológicas e centradas na arquitetura. No caso do Egito, é possível notar um esforço para questionar tipologias, sobretudo na região do Vale do Nilo, que ainda é vista como uma unidade cultural em muitos casos, em contrapartida ao Delta e à região da Núbia (Moeller, 2016, para uma visão geral). Contudo, ainda há o desafio de colocar a evidência arqueológica de diferentes populações num mesmo quadro de comparação. Para isso, os problemas são vários: a qualidade e quantidade das evidências disponíveis, sobretudo pela natureza particular dos assentamentos escavados; o estabelecimento de critérios de comparação que superem a tipologia arquitetônica das residências ou dos artefatos disponíveis. Para se identificar práticas sociais, é preciso dispor de um repertório teórico-metodológico que permita destacar *como* espaços e artefatos eram utilizados e menos com o que cada um significa ou simboliza.

Arqueologia Doméstica Egípcia

A antiga cidade de Amarna, capital do Egito durante o reinado de Akhenaton (c. 1351–1336 a.C.) é possivelmente um dos casos mais emblemáticos para se estudar arqueologia doméstica na Egiptologia. O assentamento da Vila de Trabalhadores, ocupada por aproximadamente 20 anos, abrigou a mão de obra encarregada da construção de projetos da realeza e permite explorar questões sobre o que tem definido o “ser egípcio” a partir da documentação material das residências.

A vila possuía uma muralha de tijolos de barro e 72 unidades residenciais organizadas em cinco ruas paralelas. Fora do espaço murado, os habitantes construíram currais e capelas como extensão de suas casas,

formando áreas comunitárias. A administração egípcia fornecia água e outros bens regularmente no que era chamado de área-*zir*.¹ O assentamento era rodeado por uma rede de estradas que ligava a vila a diversas partes da capital e tinha acesso controlado pela administração faraônica, que projetou e construiu a aldeia, definindo a área inicial das casas com a construção da muralha. Os habitantes completaram suas residências, podendo modificar e reorganizar cada unidade de acordo com suas necessidades. Apesar do modelo tripartite das casas (com três cômodos), não havia padrões rígidos de construção.

A análise arqueológica mostra que a aldeia estabeleceu zonas diferenciadas de acesso e pertencimento, marcadas por características ou edifícios específicos conhecidos pelos habitantes. A interação entre marcos naturais e construções criava limites percebidos tanto fisicamente quanto socialmente, considerando status, profissão e temporalidade (hora do dia, sazonalidade). Muitos aspectos da vida doméstica ocorriam em áreas externas ou nos telhados, sendo a presença de um segundo andar fundamental para otimizar espaço, compartilhar instalações e facilitar a circulação de pessoas entre casas. O telhado influenciava a posição de janelas, sistemas de ventilação e iluminação, além de impactar a movimentação interna, podendo criar espaços de convívio e gestão do calor durante as noites de verão. Essa configuração afetava visibilidade, propagação de sons e odores, moldando as interações sociais dentro e fora da muralha.

Apesar do planejamento arquitetônico inicial e da supervisão da administração egípcia, a vila pode ser considerada um sistema adaptativo complexo, uma comunidade autorregulada. Uma abordagem sensorial permite mapear territórios e observar como múltiplos limites eram constantemente (re)criados conforme as condições ambientais, a estação do ano e a hora do dia, resultado das interações entre paisagem, materiais, edificações, pessoas e animais. Isso demonstra que a evidência arqueológica das residências não era necessariamente alvo de interesse direto da administração faraônica. Assim, é possível examinar outros assentamentos a partir desse repertório variado de modificações e adaptações individuais e coletivas e, numa escala social menor, identificar como se constituíram ajustes específicos em cada região.

Reconhecer variações regionais na cultura material dentro do Egito é essencial para desafiar a percepção do Egito antigo como uma entidade homogênea, sobretudo no Vale do Nilo. Enquanto estudiosos buscaram definir “um modo de vida egípcio” por meio de estudos de assentamentos e casas, escavações recentes revelam que a variação dentro da arquitetura doméstica era comum, mesmo em sítios como Amarna (por exemplo, Kemp; Stevens, 2010). Essa diversidade, evidente ao longo do Vale do Nilo, Delta e da fronteira núbica, complica a identificação de elementos “estrangeiros” e a compreensão das interações entre comunidades em regiões de fronteira (Spencer, 2015; Budka; Auenmüller, 2018; Sigl, 2022). Tradicionalmente, artefatos egípcios foram associados a egípcios e objetos não egípcios a estrangeiros (por exemplo, Sparks, 2004).

A falta de evidências arqueológicas abrangentes de assentamentos egípcios, no entanto, limita nossa compreensão da variação material e sua conexão com intercâmbios culturais. Grande parte do que se sabe sobre a vida egípcia baseia-se em tipologias derivadas de sítios específicos com condições únicas de preservação, muitas vezes próximas a desertos, e escavações iniciais com metodologias ultrapassadas, levando a uma visão estreita da cultura material egípcia que obscurece as complexidades da vida cotidiana e das interações culturais.

Estudos de portos e assentamentos além do Vale do Nilo oferecem oportunidades adicionais para compreender a vida cotidiana e as atividades daqueles que trabalhavam a serviço do Estado (por exemplo, Tallet; Somaglino, 2022; Somaglino, 2022a; 2022b; Boussac *et al.*, 2023). Por exemplo, minas como Wadi el-Hudi (Brand *et al.*, 2022) ilustram o alto nível de controle estatal sobre as operações de mineração e a

¹ A referência ao termo *zir* é por conta da grande quantidade de vestígios dos jarros de barro para armazenar água, comuns ainda hoje no mundo árabe-islâmico, que são depositados no chão em pequenos buracos de areia.

distribuição de recursos (Somaglino, 2022, p. 53). Sítios como Ayn Soukhna, na região do Delta, são particularmente notáveis, lançando luz sobre redes egípcias que se estendiam do Vale do Nilo ao Sinai e além. Embora sejam necessárias pesquisas adicionais para compreender plenamente os assentamentos no deserto, Ayn Soukhna se destaca por sua notável abundância de objetos egípcios (Somaglino, 2022b, p. 31), refletindo sua importância dentro dessas redes mais amplas.

Arqueologia Doméstica Levantina: as evidências disponíveis

Um desafio significativo ao examinar as interações Egito-Levante a partir de uma perspectiva doméstica está na natureza problemática dos assentamentos. Fatores como técnicas de escavação deficientes, investigações incompletas, perturbações naturais, estratigrafias complexas e mesmo a interferência humana (saques, guerras) dificultam análises confiáveis. Nos assentamentos levantinos, o estabelecimento de cronologias precisas e a compreensão de padrões regionais de ocupação é particularmente difícil, agravado por práticas de escavação moldadas pelo nacionalismo e pelo conflito.

O desenvolvimento de cidades e vilas no Levante meridional é geralmente comparado ao urbanismo de regiões vizinhas, visto como mais sofisticado, marcado por elites, hierarquias complexas, grandes centros urbanos, especialização artesanal, redes de comércio internacional e uso da escrita. Tradicionalmente, o início da Idade do Bronze nessa região foi interpretado como um estágio precursor do urbanismo. Contudo, pesquisas recentes questionam essa visão, discutindo se evidências como sítios fortificados, palácios e templos, depósitos de armazenamento, especialização artesanal, redes de troca, sinais de elites, sistemas de notação e certa uniformidade cultural — aliados a dados ambientais — configuram de fato um fenômeno urbano, especialmente em comparação com os padrões mesopotâmicos (Philip, 2001; Savage *et al.*, 2007; Greenberg, 2019).

Pesquisas recentes em arqueologia doméstica do Levante têm debatido se as estratégias organizacionais durante o período do Bronze podem ser interpretadas como evidência de hierarquia, com sociedades urbanas centralizadas sob o controle de elites, ou de heterarquia, comunidades rurais descentralizadas baseadas em laços de parentesco, ou ainda uma combinação de ambas. É preciso reconhecer a diversidade dos processos regionais a partir de novas perspectivas teóricas, que incluem noções de “urbanizações” múltiplas, “estados arcaicos” e “sistemas mundiais”, além de revisões do modelo liderança política (Stein 1998; Feinman; Marcus, 1998; Greenberg, 2002; Levy; van den Brink, 2002).

Michèle Daviau (1993) ofereceu um panorama abrangente dos sítios com edifícios domésticos durante a Idade do Bronze Médio. As escavações das camadas do II milênio, no entanto, são limitadas e apresentam problemas na interpretação da vida doméstica, sobretudo por se restringirem a elementos arquitetônicos dentro de planos urbanos mais amplos, não oferecendo muita cultura material para análise. Apesar da raridade de estruturas totalmente intactas, é geralmente aceito que a maioria das casas levantinas apresentava paredes de adobe sobre fundações de pedra (Daviau, 1993). A largura das fundações indica a resistência das paredes e o número de possíveis pavimentos, embora inconsistências em técnicas de escavação e publicações arqueológicas tornem quase impossível uma análise mais conclusiva.

A Idade do Bronze Médio testemunhou uma mudança significativa na arquitetura doméstica e na organização espacial tanto no Levante quanto no Egito. Casas originalmente com cômodos sustentados por pilares, um traço característico das residências das elites egípcias, foram depois reconstruídas sem eles (por ex.: Tell Beit Mirsim). Essa mudança pode refletir variações nos materiais de cobertura, o uso dos telhados como terraços ou até mesmo a eliminação do teto para criar um pátio aberto. Podem ser identificadas principalmente duas categorias de casas da Idade do Bronze Médio no registro arqueológico: casas horizontais, com todos os cômodos no térreo, e casas-torre com múltiplos andares. Nas “casas-torre”, o térreo servia como pátio ou átrio, enquanto os andares superiores abrigavam as áreas de convivência. Um exemplo

importante é a Casa Patrícia em Tell Beit Mirsim, uma casa-torre com quartos no andar superior que se abrem para um terraço, embora a possibilidade de um salão principal descoberto no piso térreo seja improvável.

As casas do Bronze Médio também possuíam pátios que geralmente funcionavam como espaços de preparo de alimentos ou áreas de convivência, frequentemente associados aos maiores cômodos das residências. Essas casas tinham pátios privados, às vezes compartilhados com casas vizinhas, o que podia otimizar o espaço para diversas atividades, criando pequenas comunidades. O tamanho dos pátios pode indicar sua dupla função como área de trabalho e abrigo para animais, com indícios de atividades sazonais, como silos abertos e um forno para preparo de alimentos possivelmente utilizado nas épocas mais quentes do ano.

Tell el-Dab'a e a presença levantina no Egito

O sítio de Tell el-Dab'a, a antiga Avaris do Segundo Período Intermediário, fornece amplas evidências das interações egípcias com o Levante, sobretudo por meio da cultura material (Bietak, 1991; 1996; 2010; Müller, 2015a; Bader, 2021a). No II milênio a.C., destacou-se como centro comercial estratégico no Delta, na encruzilhada com o Levante (Müller 2015a, 340). Avaris tornou-se capital dos reis hicsos, e as escavações revelaram áreas residenciais em uso desde o Reino Médio (Bietak 1996, pp. 31–36). Apesar da estratigrafia complexa, os achados indicam que o local foi abandonado e que as mansões de altos oficiais foram reutilizadas para a construção de pequenas casas. Nesse processo, o assentamento foi reestruturado com ruas e becos que subdividiram as áreas residenciais (Müller, 2015a, p. 343). As casas apresentavam fornos, lareiras, pilões, mós e jarros parcialmente enterrados para armazenagem de alimentos. Nichos em cômodos secundários, como os de Amarna, provavelmente funcionavam como alcovas para camas. Os pisos de tijolos de barro e algumas instalações de calcário completavam o conjunto.

A cerâmica do sítio é majoritariamente egípcia, mas inclui também peças importadas e produções locais que reproduzem formas levantinas. Ferramentas de cobre — cinzéis, facas e arpões — evidenciam a chegada da matéria-prima por rotas comerciais. Entre os achados mais comuns estão fichas, figurinas de barro, fusos, pesos de tear, joias de faiança e cobre, paletas de cosméticos e vasos de pedra. Impressões de selo com motivos simples, geralmente encontradas em resíduos de pátios, são menos frequentes. Destacam-se ainda moldes de pedra, cadinhos de cerâmica e bocais de forno. A presença levantina é atestada já antes do Segundo Período Intermediário, uma vez que a cidade integrava a rede comercial do Levante.

Do ponto de vista arquitetônico, os complexos domésticos do início do Reino Médio podem ser classificados como tipicamente “egípcios”, construídos em tijolos de barro. A Área F/1, por exemplo, começou com pequenas casas familiares que, ao longo do tempo, foram transformadas em grandes propriedades, incluindo residências amplas, com edifícios auxiliares e muralhas de proteção. Essa evolução reflete uma ocupação de longa duração, estendendo-se por quatro gerações até o Segundo Período Intermediário (Bietak, 1991, 2010; Müller, 2015a, 2015b, 2022). Tais desenvolvimentos indicam uma comunidade autossuficiente, sustentada tanto pelo manejo da terra quanto pelo comércio (Müller, 2022).

As escavações na área F/1 também revelaram evidências de atividades metalúrgicas ligadas a colonos sírio-palestinos na região, indicadas por ferramentas de liga de cobre, incluindo agulhas, punções, perfuradores, furadores, arpões, facas, cinzéis e moldes para produção (Müller, 2022, p. 79–82). Embora materiais orgânicos não tenham sobrevivido devido aos desafios de preservação no Delta do Nilo, a presença de ferramentas de metal e pedra é significativa. Miriam Müller (2022, p. 79) observou que os objetos metálicos podem refletir uso contemporâneo ou processos pós-depositacionais, enfatizando sua raridade em assentamentos abandonados. Pátios associados a essas casas continham depósitos mistos de resíduos domésticos, incluindo fragmentos de cerâmica, ossos de animais e superfícies de cinzas, às vezes demarcadas por linhas de tijolos de barro (Müller, 2022, p. 85). As instalações de armazenamento incluíam silos circulares

e poços retangulares, enquanto as instalações de preparo de alimentos foram relocadas para pátios externos, alguns com pavimentos de tijolos de barro para atividades sociais (Müller 2022, pp. 93–94).

O trabalho de Bettina Bader na Área A/II em Avaris também revela uma relação complexa entre artefatos egípcios e levantinos (Bietak; Bader, 2020; Bader, 2021a; 2021b; 2021c). Sua pesquisa examina conjuntos cerâmicos para compreender a dinâmica socioeconômica e as interações culturais do período. Por meio do estudo de estilos cerâmicos, métodos de produção e padrões de distribuição, ela destaca diferenças regionais e influências externas, problematizando temas como redes comerciais e intercâmbios culturais entre Avaris e outros sítios. Mais importante, chama a atenção para o perigo de equiparar a pessoas e objetos ao discutir identidade, pois tipologias cerâmicas refletem tanto métodos de produção quanto práticas.

Apesar da unificação do Egito sob Ahmose I (c. 1550–1525 a.C.), comunidades levantinas continuaram presentes no Delta do Nilo. Durante a XVIII Dinastia, o Egito ampliou seus vínculos comerciais e diplomáticos com o Levante, fortalecendo sua influência sobre as populações mediterrâneas. Pesquisas em assentamentos do Delta podem vir a esclarecer essas interações, embora a preservação precária e a densidade ocupacional dos sítios imponham desafios significativos.

Como destaca Miriam Müller (2015a, 362), é preciso cautela ao interpretar a cultura material, dado que grande parte da análise parte de perspectivas egípcias, com base em paralelos textuais e arqueológicos, sobretudo de Amarna. A população era composta por estrangeiros e egípcios locais, cujas interações se desenvolveram ao longo de gerações. Enquanto a assimilação pública seguia normas egípcias, práticas privadas revelavam tradições estrangeiras persistentes, cuja extensão completa permanece incerta devido à limitação das evidências.

A transição para a Idade do Ferro

A transição para a Idade do Ferro marcou mudanças profundas na relação entre o Egito e o Levante. A narrativa tradicional da transição do Bronze Final para a Idade do Ferro, frequentemente associada à invasão dos “Povos do Mar” e à destruição das cidades levantinas, tem sido cada vez mais questionada por pesquisas recentes. Descobertas epigráficas, incluindo inscrições hititas-lúvias, revelam um quadro mais complexo. No norte da Síria, centros hititas importantes, como Karkemish, mantiveram uma forma de controle imperial através de estados “sucessores” diminuídos por meio dos laços dinásticos com a família real em Hattusa. Este período é frequentemente entendido em termos de fluxos populacionais: os “Povos do Mar” nas costas, os “Israelitas” nas terras altas e os arameus no Norte. No entanto, embora a presença de novas populações seja evidente em certas áreas de Canaã, elas representam apenas um dos muitos fatores que moldaram a região nesse período. Esses achados destacam tanto a continuidade na cultura material quanto uma mudança gradual ao longo do tempo. Este período testemunhou mudanças nos padrões de assentamento, regionalismo cultural, mecanismos de transmissão cultural e a reestruturação dos sistemas sociais, políticos e econômicos em níveis locais, regionais e supra-regionais (Killebrew; Steiner, 2013, pp. 596–597).

No fim da Idade do Bronze, o Levante passou por aproximadamente 200 anos de integração em sistemas econômicos mais amplos e estruturas políticas no Mediterrâneo, Oriente Próximo Antigo e a África (Bachhuber; Roberts, 2009). No entanto, o colapso dos impérios do Bronze e suas redes durante o início da Idade do Ferro impactou as sociedades levantinas, levando à fragmentação dessas conexões internacionais (Killebrew; Steiner, 2013, p. 597). Variações nos vestígios arquitetônicos e nos conjuntos cerâmicos em diferentes sítios destacam a falta de “unidade cultural” no Levante. Muitos sítios foram abandonados durante a transição entre as Idades do Bronze e do Ferro por diversos motivos, refletindo a diversidade geográfica e econômica dessas comunidades.

A Idade do Ferro no Levante meridional foi marcada por profundas transformações socioeconômicas e políticas, que afetaram tanto os contextos urbanos quanto rurais e envolveram estilos de vida sedentários e pastorais. O colapso das potências hegemônicas do Bronze Final, Hatti e Egito, pôs fim a séculos de dominação externa sobre Canaã e abriu espaço para uma relativa autonomia regional. Paralelamente, o enfraquecimento das extensas redes comerciais internacionais e dos sistemas simbólicos associados reduziu as conexões com o Egeu, Chipre e Egito. A destruição de Ugarit, principal potentado sírio no fim da Idade do Bronze, por volta de 1185 a.C., intensificou o impacto nas regiões costeiras, privando-as de um centro urbano-comercial estratégico. Mudanças climáticas, possivelmente uma seca prolongada, também podem ter contribuído para o colapso do sistema mundial da Idade do Bronze, embora essa hipótese ainda careça de evidências conclusivas. Como resultado, os circuitos de troca tornaram-se progressivamente mais localizados e descentralizados (Liverani, 1987; Bachhuber; Roberts, 2009).

Outro fator decisivo foi a interrupção do fornecimento de metais (Sherratt, 1994; 2000). Embora o bronze continuasse em uso, sua produção tornou-se progressivamente regionalizada. Ao mesmo tempo, movimentos populacionais oriundos do Egeu, de Chipre, da Anatólia e da Síria introduziram grupos diversos em Canaã, especialmente após o colapso da Idade do Bronze em Chipre (Manning; Hulin, 2005; Bachhuber; Roberts, 2009). A desarticulação das redes comerciais pan-mediterrâneas enfraqueceu as trocas de longa distância, provocando o declínio de estruturas centralizadas de poder, como palácios e templos. Essa transformação coincidiu com o surgimento de uma paisagem social mais igualitária e com o fim da hegemonia egípcia na região, enquanto o colapso do Império Hitita acentuou ainda mais a instabilidade geopolítica.

No início da Idade do Ferro a região meridional, sobretudo a Cisjordânia, testemunhou a proliferação de pequenas aldeias agrícolas, muitas de ocupação única, que, embora preservassem continuidades na cultura material, apresentavam mudanças demográficas e nos padrões de assentamento. Esses povoados foram permeados por influências externas, apesar de redes comerciais limitadas, atestadas por recipientes fenícios, cerâmica cipriota geométrica e egípcia (Hulin, 2002; 2009; Killebrew, 2013b, p. 601).

Nesse período de transição, os assentamentos da planície costeira meridional apresentaram trajetórias diversas. Alguns, como Ashdod e Ekron, foram destruídos e reocupados com características de estilo egeu, enquanto outros como Deir el-Balah, Tell el-Far'ah Sul e Aphek, permaneceram funcionando como centros administrativos egípcios até o século XII a.C. (Killebrew, 2005a, pp. 51–92). Em sítios como Tel Yarmuth (Jasmin, 2006) e Beth Shemesh (Bunimovitz; Lederman, 2011; Killebrew, 2009), tradições cerâmicas do Bronze Tardio continuaram ativas. Após a retirada egípcia, porém, emergiram grandes centros urbanos com novos padrões de organização e cultura material de inspiração egeia, sinalizando a chegada dos Peleset ou Filisteus, mencionados em fontes egípcias e bíblicas (Killebrew, 2005a, pp. 197–245; Gilboa, 2013). A maioria dos sítios foi rapidamente reocupada, retomando atividades agrícolas, industriais e comerciais com o Egito e outras regiões. As interrupções foram geralmente breves e não resultaram em regressão significativa no uso da terra.

O período inicial do Ferro é marcado pela descentralização, já que muitos assentamentos costeiros e seus entornos não estavam mais sujeitos à exploração imperial (Gilboa, 2013). No interior, encontramos assentamentos agropastoris de diferentes tamanhos. A “casa de quatro cômodos” é uma característica arquitetônica dessas comunidades, e foi interpretada como exemplo de domicílios descentralizados, mais igualitários e patrilineares, organizados com base em laços de parentesco (Stager, 1985; Schloen, 2001; Faust, 2006, p. 92–107; Lehmann; Killebrew, 2010). No entanto, outros estudiosos questionaram essa interpretação, sugerindo que o tamanho e a proeminência dos complexos domésticos podem estar relacionados à riqueza dos residentes (Routledge, 2008, pp. 170–173).

Beth-Shean e o problema das identidades na cultura material

Beth-Shean é um dos sítios arqueológicos mais importantes do Levante, ocupando posição estratégica na planície do Vale de Jezreel, na confluência das rotas comerciais e militares entre Egito, Canaã e Síria. O registro arqueológico da cidade abrange mais de três milênios, desde o período pré-histórico até a Antiguidade Tardia, incluindo fases cananeia, egípcia, israelita, helenística, romana e bizantina.

A partir de meados da Idade do Bronze, Beth-Shean funcionava como uma cidade fortificada cananeia sob controle egípcio, que estendia sua influência administrativa e militar sobre o Levante a partir do Delta (Mazar 2006). Estruturas como muralhas, torres e portões demonstram seu papel como guarnição regional e centro de defesa, controlando o acesso e circulação na região. A planta urbana exibia divisões claras entre áreas residenciais e administrativas, incluindo armazéns e depósitos, grandes portões, ruas pavimentadas que sugerem planejamento urbano. O uso de tijolos de barro cozido e pedra local evidencia adaptação aos recursos disponíveis. Textos egípcios do Reino Novo mencionam a presença de administrações egípcias na cidade, confirmando sua relevância estratégica e política.²

Escavações arqueológicas mostram que o sítio funcionava como guarnição egípcia, com evidências de cerâmica utilitária, jarros de cerveja e os chamados “vasos de flores”, além de outros objetos produzidos localmente em larga escala (Mazar; Rotem, 2009; Marom *et al.*, 2009; Hulin, 2013; Greenberg, 2019, pp. 295–297). Apesar de indicarem presença egípcia, esses achados não permitem determinar com precisão quem habitava a cidade, suscitando questões sobre a incorporação mútua de práticas culturais, sobretudo em atividades culinárias e hábitos alimentares.

Durante a Idade do Ferro, Beth-Shean manteve seu caráter fortificado, embora as escavações revelem destruições e reconstruções associadas a conflitos regionais e mudanças de controle político. Casas de planta retangular, muitas com pátios internos e depósitos anexos, indicam uma progressiva organização doméstica, mas ainda comlareiras e divisões internas tipicamente egípcias.

No século XII a.C., tanto o templo quanto as residências da elite, como o Edifício 1500, apresentam planta arquitetônica claramente egípcia, enquanto outras construções domésticas revelam maior diversidade de estilos. A inscrição no lintel e a configuração do Edifício 1500 com uma grande coluna central, construção em adobe e um piso superior remete às tradições arquitetônicas do Egito (Rowe, 1930; Mazar, 2006; Mazar; Rotem, 2009). Entre os artefatos encontrados, destacam-se cobras de argila, associadas a cultos domésticos, e o uso de pigmento azul, ambos evidenciando influências egípcias, embora provavelmente tenham sido produzidos por artesãos locais que integravam técnicas regionais a elementos estilísticos importados. Esses dados arqueológicos revelam as complexas interações entre egípcios e populações locais no Levante meridional durante o Bronze Final e o início da Idade do Ferro.

² Beth-Shean é mencionada nas listas topográficas de Tutmés III (c. 1479–1425 a.C.) em Karnak. Há referências nas Cartas de Amarna. Em Beth Shean, foram encontradas duas estelas monumentais dos faraós Séti I (c. 1294–1279 a.C.) e Ramessés II (c. 1279–1213 a.C.). Na XIX dinastia, Beth Shean é mencionada em textos de execração. Ver para referências: Rowe (1930); Aharoni (1979); Mazar (2003; 2011); Horowitz (1996); Ben-Tor (2006).

Considerações finais

A análise dos contextos domésticos mostra que as noções de identidade e adaptação não podem ser compreendidas apenas a partir de tipologias arquitetônicas ou de classificações rígidas dos artefatos. Em vez disso, elas devem ser vistas como produtos de negociações sociais e ambientais em constante transformação, refletidas tanto nas formas de habitar quanto nos usos materiais do espaço. O caso de Amarna é uma demonstração de que as agências individuais e coletivas no âmbito doméstico não estão subordinadas apenas a contextos de controle e vigilância das autoridades políticas.

Os objetos, em especial a cerâmica, revelam essas interações ao ultrapassarem fronteiras tradicionais entre “egípcio” e “levantino” em diversos sítios arqueológicos da região, como demonstra Bettina Bader. A adoção seletiva de elementos culturais indica que grupos minoritários buscavam integrar-se, sem, contudo, abandonar práticas que preservavam suas origens. Assim, a materialidade doméstica não expressa apenas influência externa, mas também estratégias ativas de agência cultural.

Ao concentrar-se nas práticas cotidianas, e não apenas nas formas, é possível compreender como egípcios e levantinos compartilharam espaços, experiências e atividades, construindo modos de vida híbridos. As casas, nesse sentido, devem ser entendidas não apenas como estruturas físicas, mas como arenas de negociação cultural e de redefinição identitária no Levante entre o Bronze Final e a Idade do Ferro.

Referências Bibliográficas

- AHARONI, Y. *The land of the Bible: a historical geography*. 2. ed. Westminster Press, 1979.
- AUBET, M. E. Phoenicia during the Iron Age II Period. In: Steiner, M.; Killebrew, A. E. (eds.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant*. Oxford: University Press, 2013. p. 706–716.
- BACHHUBER, C.; ROBERTS, C. G. (eds.). *Forces of Transformation: The End of the Bronze Age in the Mediterranean*. Oxford: Oxbow, 2009.
- BADER, B. *Material culture and identities in Egyptology: towards a better understanding of cultural encounters and their influence on material culture*. v. 3. Vienna: Austrian Academy of Sciences, 2021a.
- BADER, B. Regional differences in pottery repertoires: two case studies of early and late Middle Kingdom ceramic assemblages. In: Jiménez-Serrano, A.; Morales, A. J. (eds.). *Middle Kingdom palace culture and its echoes in the provinces: regional perspectives and realities*. Leiden; Boston: Brill, 2021b. p. 45–76.
- BADER, B. High and low cuisine in late Middle Kingdom Egypt: who is the cook? And who made the cooking pot? In: HUYGE, D.; DE MEYER, M.; CLAES, W.; EYCKERMAN, M.; DE TROYER, L.; HENDRICKX, A.; HENDRICKX, L. (eds.). *Remove that pyramid! Studies on the archaeology and history of predynastic and pharaonic Egypt in honour of Stan Hendrickx*. Leuven; Paris; Bristol, CT: Peeters, 2021c. p. 75–114.
- BARRETT, C. E.; CARRINGTON, J. *Households in context: dwelling in Ptolemaic and Roman Egypt*. Ithaca: Cornell University Press, 2023.
- BEN-SHLOMO, D.; SHAI, I.; ZUKERMAN, A.; MAEIR, A. M. Cooking Identities: Aegean-Style Cooking Jugs and Cultural Interaction in Iron Age Philistia and Neighboring Regions. *American Journal of Archaeology*, v. 112, p. 225–246, 2008.
- BEN-TOR, A. Do the Execration Texts reflect an accurate picture of the contemporary settlement map of Palestine? In: AMIT, Y.; BEN ZVI, E.; FINKELSTEIN, I.; LIPSCHITS, O. (eds.). *Essays on Ancient Israel in its Near Eastern Context: A Tribute to Nadav Na'aman*. Eisenbrauns, 2006. p. 63–87.
- BIETAK, M. Egypt and Canaan during the Middle Bronze Age. *Tell el-Daba and Levantine Middle Bronze Age chronology*, v. 281, p. 27–72, 1991.
- BIETAK, M. *House and Palace in Ancient Egypt*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1996.
- BIETAK, M. Houses, palaces and development of social structure in Avaris. In: Bietak, M.; Czerny, E.; Forstner-Müller, I. (eds.). *Cities and urbanism in ancient Egypt: papers from a workshop in November 2006 at the Austrian Academy of Sciences*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2010. p. 11–68.
- BIETAK, M. The Egyptian community in Avaris during the Hyksos Period. *Ägypten und Levante*, v. 26, p. 263–274, 2016.
- BIETAK, M. Ägypten und der Exodus: ein altes Thema, ein neuer Ansatz. In: WIMMER, S. J.; ZWICKEL, W. (eds.). *Egypt and the Hebrew Bible: proceedings of the conference celebrating 40 years ÄAT, Munich, 6-7 Dec. 2019*. Münster: Zaphon, 2022. p. 151–180.

BIETAK, M.; BADER, B. *Tell el-Dab'a XXIV: the late Middle Kingdom settlement of area A/II. A holistic study of non-élite inhabitants at Tell el-Dab'a. Volume 1: The archaeological report*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2020.

BOUSSAC, M.-F.; DHENNIN, S.; REDON, B.; SOMAGLINO, C.; TALLET, G. (eds.). *Frontières et marges occidentales de l'Égypte de l'Antiquité au Moyen Âge: actes du colloque international, Le Caire, 2-3 décembre 2017*. Le Caire: Institut français d'archéologie orientale, 2023.

BRAND, M.; LISZKA, K.; KRAEMER, B. Living and working at the early Middle Kingdom amethyst mining settlement Site 5, Wadi el-Hudi. In: Sigl, J. (ed.). *Daily life in ancient Egyptian settlements: conference Aswan 2019*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2022. p. 41–55.

BRINK, E. C. M. v. d.; Levy, T. E. *Egypt and the Levant: interrelations from the 4th through the early 3rd millennium BCE*. London: Leicester University Press, 2002.

BUDKA, J.; AUENMÜLLER, J. *From Microcosm to Macrocosm. Individual Households and Cities in ancient Egypt and Nubia*. Sidestone Press, 2018.

BURRELL, K. *Cushites in the Hebrew Bible: negotiating ethnic identity in the past and present*. Leiden; Boston: Brill, 2020.

CHESSON, M. S.; AUFRECHT, W. E.; KUIJT, I. *Daily life, materiality, and complexity in early urban communities of the southern Levant: papers in honor of Walter E. Rast and R. Thomas Schaub*. Winona Lake, Ind.: Eisenbrauns, 2011.

CLINE, D. H.; CLINE, E. H. Text messages, tablets, and social networks: the "small world" of the Amarna letters. In: MYNÁŘOVÁ, J.; ONDERKA, P.; PAVÚK, P. (eds.). *There and back again - the crossroads II: proceedings of an international conference held in Prague, September 15-18, 2014*. Prague: Charles University, Faculty of Arts, 2015. p. 17–44.

COOPER, J. C. Toponymy on the periphery: placenames of the Eastern Desert, Red Sea, and south Sinai in Egyptian documents from the Early Dynastic until the end of the New Kingdom. Leiden; Boston: Brill, 2020.

DARNELL, J. C. *Egypt and the desert*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

DASSOW, E. HABIRU. IN: BAGNALL, R. S.; HUEBNER, S. R.; CHAMPION, C. B.; BRODERSEN, K.; ERSKINE, A. (eds.). *The Encyclopedia of Ancient History*. Hoboken, NJ, USA: John Wiley & Sons, 2012.

DAVIAU, P. M. M. *Houses and their furnishings in Bronze Age Palestine: domestic activity areas and artefact distribution in the Middle and Late Bronze Ages*. Sheffield: JSOT Press, 1993.

DOAK, B. R.; LÓPEZ-RUIZ, C. *The Oxford handbook of the Phoenician and Punic Mediterranean*. New York: Oxford University Press, 2019.

DOUMET-SERHAL, C.; BOSCHLOOS, V. Sidon and Tell el-Dab'a - an example of Levantine/Egyptian commercial and cultural relations: a step towards the understanding of the Hyksos phenomenon. In: BIETAK, M.; PRELL, S. (eds.). *The enigma of the Hyksos, volume IV: Changing clusters and migration in the Near Eastern Bronze Age*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2021. p. 222–241.

FANTALKIN, A.; YASUR-LANDAU, A.; FINKELSTEIN, I. *Bene Israel: studies in the archaeology of Israel and the Levant during the Bronze and Iron ages in honour of Israel Finkelstein*. Leiden: Brill, 2008.

FAUST, A. *Israel's Ethnogenesis: Settlement, Interaction, Expansion and Resistance*. London: Equinox, 2006.

FINKELSTEIN, I.; MAZAR, A. *The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel*. Atlanta, Ga.: Society of Biblical Literature, 2007.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *The Bible unearthed: archaeology's new vision of ancient Israel and the origin of its stories*. London: Simon & Schuster, 2001.

FORSTNER-MÜLLER, I. The Hyksos state. In: POTTS, D. T.; MOELLER, N.; RADNER, K. (eds.). *The Oxford history of the ancient Near East, volume III: from the Hyksos to the late second millennium BC*. New York: Oxford University Press, 2022. p. 1–47.

FORSTNER-MÜLLER, I.; MOELLER, N. (eds.). *The Hyksos ruler Khyam and the early Second Intermediate Period in Egypt: problems and priorities of current research*. Wien: Holzhausen, 2018.

GILBOA, A. The Southern Levant (Cisjordan) During the Iron Age I Period. In: KILLEBREW, A. E.; STEINER, M. (eds.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 624–648.

GREENBERG, R. *Early urbanizations in the Levant: a regional narrative*. London: Leicester University Press, 2002.

GREENBERG, R. *The archaeology of the Bronze Age Levant: from urban origins to the demise of city-states, 3700-1000 BCE*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

GREENBERG, R.; EISENBERG, E.; PAZ, S.; PAZ, Y. *Bet Yerah: the early Bronze Age mound*. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, 2006.

GREENBERG, R.; ROTEM, Y.; PAZ, S. The Earliest Occupation at Tel Bet Yerah. *Tel Aviv*, v. 40, n. 2, p. 197–225, 2013.

HERR, L. The Southern Levant (Transjordan) During the Iron Age I Period. In: STEINER, M.; KILLEBREW, A. E. (eds.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 649–659.

HIGGINBOTHAM, C. R. *Egyptianization and Elite Emulation in Ramesside Palestine: Governance and Accommodation on the Imperial Periphery*. Leiden: Brill, 2000.

HODGKINSON, A. K. *Technology and urbanism in Late Bronze Age Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

HODGKINSON, A. K.; TVETMARKEN, C. L. *Approaches to the analysis of production activity at archaeological sites*. Oxford: Archaeopress Archaeology, 2020.

HOROWITZ, W. An inscribed clay cylinder from Amarna age Beth Shean. *Israel Exploration Journal*, v. 46, n. 3–4, p. 208–218, 1996.

HULIN, L.; ROCHA, T. Investigating the concept of Egyptian dwelling. In: PANAITÉ, E. (ed.). *Meeting the Other: Transfers and interactions around the Nile valley*. Leuven: Peeters, forthcoming.

HULIN, L. Bronze Age plain pottery: Egyptian, Canaanite, and Cypriot. In: WHITE, D. (ed.). *Marsa Matruh: the University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology's excavations on Bates's Island, Marsa Matruh, Egypt 1985-1989*. Philadelphia, PA: Institute for Aegean Prehistory Press, 2002. p. 17-45.

HULIN, L. Embracing the new: the perception of Cypriot pottery in Egypt. In: MERRILLEES, R. S.; KASSIANIDOU, V.; MICHAELIDES, D. (eds.). *Egypt and Cyprus in antiquity: proceedings of the international conference, Nicosia, 3-6 April 2003*. Oxford: Oxbow, 2009. p. 40-47.

HULIN, L. Conversations between objects: ambience and the Egyptian ceramic world at Beth Shan. In: BADER, B.; OWNBY, M. F. (eds.). *Functional aspects of Egyptian ceramics in their archaeological context: proceedings of a conference held at the McDonald Institute for Archaeological Research, Cambridge, July 24th-25th, 2009*. Leuven; Paris; Walpole, MA: Peeters; Department of Oriental Studies, 2013. p. 353-373.

JASMIN, M. *L'étude de la transition du Bronze récent II au Fer I en Palestine méridionale*. Oxford: Archeopress, 2006.

KEMP, B.; STEVENS, A. *Busy Lives at Amarna: Excavations in the Main City (Grid 12 and the House of Ranefer, N49.18). Vol. I: The Excavations, Architecture and Environmental Remains*. London: Egypt Exploration Society, 2010.

KILLEBREW, A. E. From Canaanites to Crusaders: The presentation of archaeological sites in Israel. *Conservation and management of archaeological sites*, v. 3, n. 1-2, p. 17-32, 1999.

KILLEBREW, A. E. The Archaeology of Border Communities at Tel Beth-Shemesh. *Near Eastern Archaeology*, v. 72, n. 3, 2009.

KILLEBREW, A. E. Introduction to the Levant During the Transitional Late Bronze Age/Iron Age I and Iron Age I Periods. In: KILLEBREW, A. E.; STEINER, M. (eds.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant: c. 8000-332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 594-606.

KILLEBREW, A. E. Israel During the Iron Age II Period. In: KILLEBREW, A. E.; STEINER, M. (eds.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant: c. 8000-332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2013a. p. 730-742.

KILLEBREW, A. E. Hybridity, Hapiru, and the Archaeology of Ethnicity in Second Millennium BCE Western Asia. In: MCINERNEY, J. (ed.). *A Companion to Ethnicity in the Ancient Mediterranean*. United States: John Wiley & Sons, 2014. p. 142-157.

KILLEBREW, A. E. Early Israel's Origins, Settlement, and Ethnogenesis. In: STRAWN, B. A.; KELLE, B. E. (eds.). *The Oxford Handbook of the Historical Books of the Hebrew Bible*. Oxford: Oxford University Press, 2020. p. 79-93.

KILLEBREW, A. E. Cultural homogenisation and diversity in Canaan during the 13th and 12th centuries BC. In: CLARK, J. (ed.). *Archaeological Perspectives on the Transmission and Transformation of Culture in the Eastern Mediterranean*. Oxford: Council for British Research in the Levant, 2022. p. 170-175.

KILLEBREW, A. E.; STEINER, M. Israel During the Iron Age II Period. In: *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

KILLEBREW, A. E.; GOLDBERG, P.; ROSEN, A. M. Deir el-Balah: A Geological, Archaeological, and Historical Reassessment of an Egyptianizing 13th and 12th Century B.C.E. Center. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, v. 343, p. 97-119, 2006.

KOCH, I. Goose Keeping, Elite Emulation and Egyptianized Feasting at Late Bronze Lachish. *Tel Aviv (1974)*, v. 41, n. 2, p. 161–179, 2014.

KOCH, I. Notes on Three South Canaanite Sites in the el-Amarna Correspondence. *Tel Aviv (1974)*, v. 43, n. 1, p. 91–98, 2016.

KOCH, I. The Egyptian-Canaanite interface as colonial encounter: a view from southwest Canaan. *Journal of Ancient Egyptian Interconnections*, v. 18, p. 24–39, 2018.

LEHMANN, G.; KILLEBREW, A. E. Palace 6000 at Megiddo in Context: Iron Age Central Hall Tetra-Partite Residences and the "Bit-Hilāni" Building Tradition in the Levant. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, v. 359, p. 13–33, 2010.

LEVY, T. E. (ed.). *The Archaeology of Society in the Holy Land*. New York: Facts on File, 1995.

LIVERANI, M. The collapse of the Near Eastern regional system at the end of the Late Bronze Age: the case of Syria. In: Rowlands, M. J.; LARSEN, M. T.; KRISTIANSEN, K. (eds.). *Centre and Periphery in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 66–73.

LIVERANI, M.; LEMCHE, N. P.; PFOH, E. Becoming "ḥabiru". In: Liverani, M.; Lemche, N. P.; Pfoh, E. (eds.). *Historiography, Ideology and Politics in the Ancient Near East and Israel: Changing Perspectives 5*. Abingdon; New York: Routledge, 2021. p. 241–253.

LONDON, G. A comparison of two contemporaneous lifestyles of the late second millennium B.C. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, v. 273, p. 37–55, 1989.

MAEIR, A. M.; SHAI, I.; MCKINNY, C. *The Late Bronze and Early Iron ages of Southern Canaan*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2019.

MANNING, S. W.; HULIN, L. Maritime commerce and geographies of mobility in the Late Bronze Age of the eastern Mediterranean: problematizations. In: BLAKE, E.; KNAPP, A. B. (eds.). *The Archaeology of Mediterranean Prehistory*. Malden, Mass.: Blackwell, 2005. p. 270–302.

MANZO, A. The Eastern Desert in the 1st millennium BCE and 1st millennium CE. In: WILLIAMS, B. B.; EMBERLING, G. (eds.). *The Oxford handbook of ancient Nubia*. Oxford: Oxford University Press, 2021. p. 671–696.

MARÉE, M. (ed.). *The Second Intermediate Period (Thirteenth–Seventeenth Dynasties): current research, future prospects*. Leuven: Peeters, 2010.

MAROM, N.; MAZAR, A.; RABAN-GERSTEL, N.; BAR-OZ, G. Backbone of Society: Evidence for Social and Economic Status of the Iron Age Population of Tel Rehov, Beth Shean Valley, Israel. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, v. 354, p. 55–75, 2009.

MAZAR, A. Beth-Shean in the second millennium B.C.E.: From Canaanite town to Egyptian stronghold. In: BIETAK, M. (ed.). *The Synchronization of Civilizations in the Eastern Mediterranean in the Second Millennium B.C. II*. Peeters, 2003. p. 323–340.

MAZAR, A. *Excavations at Tel Beth-Shean, 1989–1996*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2006.

- MAZAR, A. *Beth-Shean: From the Late Bronze Age IIB to the Medieval period*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2011.
- MAZAR, A.; ROTEM, Y. Tel Beth Shean During the EB IB Period: Evidence for Social Complexity in the Late 4th Millennium BC. *Levant (London)*, v. 41, n. 2, p. 131–153, 2009.
- MAZAR, A.; STERN, E. *Archaeology of the land of the Bible*. New Haven, Conn.; London: Yale University Press, 2009.
- MOELLER, N. The rise of the Hyksos in Egypt. In: Redford, D. B.; Kemp, B. J. (eds.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 235–242.
- MOELLER, N. *Das Ägyptenbild in der Bibel: Geschichte, Rezeption und Funktion*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2019.
- MOELLER, N.; MAREE, M. (eds.). *The Second Intermediate Period (Thirteenth–Seventeenth Dynasties): Current Research, Future Prospects*. Leuven: Peeters, 2010.
- MOOREY, P. R. S. *Cemeteries of the First Intermediate Period and Middle Kingdom*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- MÜLLER, W. Die Hyksoszeit und die Levante. In: BIETAK, M.; CZERNY, E.; FORSTNER-MÜLLER, I. (eds.). *Cities and Urbanism in Ancient Egypt*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2010. p. 69–96.
- NAVEH, J. *Early History of the Alphabet: An Introduction to West Semitic Epigraphy and Palaeography*. Jerusalem: Magnes Press, 1982.
- OREN, E. D. The Hyksos: a new investigation. In: REDFORD, D. B. (ed.). *The Oxford Encyclopedia of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2001. p. 256–262.
- PARKER, R. A. *Egyptian inscriptions from the Levant*. London: Egypt Exploration Society, 1997.
- PETRIE, W. M. F. *Tell el-Hesi: part II*. London: Quaritch, 1890.
- PRELL, S. *Das frühe Ägypten in der Levante*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2018.
- REDFORD, D. B. *Egypt, Canaan, and Israel in Ancient Times*. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- REINHOLD, S. *Domestic space in Middle Kingdom Egypt: social use and meaning*. Oxford: Archaeopress, 2015.
- RÖMER, T. *Life along the Nile: domestic and settlement archaeology of ancient Egypt*. Leuven: Peeters, 2017.
- SCHNEIDER, T. Interregional interaction and Egyptian administration: the Second Intermediate Period as a case study. In: FORSTNER-MÜLLER, I.; MOELLER, N. (eds.). *The Hyksos ruler Khyam and the early Second Intermediate Period in Egypt*. Wien: Holzhausen, 2018. p. 101–128.
- SHAI, I.; MAEIR, A. M. The Philistine culture in Iron Age southern Levant. *Tel Aviv*, v. 42, n. 2, p. 90–112, 2015.
- SIGL, J.; KOPP, P. Trade and daily life at Middle Kingdom Egyptian settlements: evidence from Wadi el-Hudi and beyond. In: SIGL, J. (ed.). *Daily life in ancient Egyptian settlements: conference Aswan 2019*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2020. p. 57–72.

SOMAGLINO, C. Ayn Soukhna (2021): installations portuaires de l'Ancien et du Moyen Empire. *Bulletin archéologique des Écoles françaises à l'étranger*, 2022a.

SOMAGLINO, C. Daily life in an Egyptian Red Sea harbor: Ayn Soukhna during the Old and Middle Kingdoms. In: SIGL, J. (ed.). *Daily life in ancient Egyptian settlements: conference Aswan 2019*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2022b. p. 27–40.

Somaglino, C.; Tallet, P. Vingt années de fouille des ports pharaoniques d'Ayn Soukhna et du Ouadi el-Jarf sur la côte occidentale du Golfe de Suez (2001-2020). In: Schneider, P.; Redon, B.; Durand, C.; Marchand, J. (eds.). *Networked spaces: the spatiality of networks in the Red Sea and western Indian Ocean*. Lyon: MOM, 2022. p. 55–72.

Sparks, R. T. Canaan in Egypt: archaeological evidence for a social phenomenon. In: Bourriau, J.; Phillips, J. (eds.). *Invention and innovation: the social context of technological change 2: Egypt, the Aegean and the Near East, 1650-1150 BC*. Oxford: Oxbow Books, 2004. p. 25–54.

Spencer, N. Creating a neighborhood within a changing town: household and other agencies at Amara West in Nubia. In: Müller, M. (ed.). *Household studies in complex societies: (micro) archaeological and textual approaches*. Chicago: Oriental Institute, University of Chicago, 2015. p. 169–210.

Stager, L. E. The archaeology of the family in ancient Israel. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, v. 260, p. 1–35, 1985.

Vilain, S. The foreign trade of Tell el-Dab'a during the Second Intermediate Period: another glance at imported ceramics under Hyksos rule. In: Mynářová, J.; Kilani, M.; Alivernini, S. (eds.). *A stranger in the house - the crossroads III: proceedings of an international conference on foreigners in ancient Egyptian and Near Eastern societies of the Bronze Age held in Prague, September 10-13, 2018*. Prague: Charles University, Faculty of Arts, 2019. p. 387–404.

Wimmer, S. J.; Zwickel, W. (eds.). *Egypt and the Hebrew Bible: proceedings of the conference celebrating 40 years ÄAT, Munich, 6-7 Dec. 2019*. Münster: Zaphon, 2022.

Yasur-Landau, A.; Cline, E. H.; Rowan, Y. M. *The social archaeology of the Levant: from prehistory to the present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

Yasur-Landau, A.; Ebeling, J. R.; Mazow, L. B. (eds.). *Household Archaeology in Ancient Israel and Beyond*. Leiden: Brill, 2011.

RECEBIDO: 29/08/2025
APROVADO: 28/10/2025
PUBLICADO: 09/12/2025

RECEIVED: 08/29/2025
APPROVED: 10/28/2025
PUBLISHED: 12/09/2025